

---

## **Casa de Sementes: Práticas de Convivência com o Semiárido<sup>1</sup>**

Gustavo Macedo DANTAS<sup>2</sup>  
Dalila Araújo PEREIRA<sup>3</sup>  
Kelly Lorena Vieira MARTINS<sup>4</sup>  
Lana Krisna de Carvalho MORAIS<sup>5</sup>  
Instituto de Educação Superior Raimundo Sá

### **RESUMO**

O referido trabalho tem por finalidade relatar as vivências obtidas na comunidade Fornos, localizada à 35 km da cidade de Picos, onde alguns de seus integrantes realizam produção contextualizada com o Semiárido, através da Casa de Sementes, fruto de um projeto do Governo Federal. O objetivo é apresentar como a educação contextualizada contribui para o desenvolvimento e funcionamento da Casa de Sementes, compreender o papel das redes sociais para fortalecer essas iniciativas. Para a produção do presente trabalho, foi utilizada a metodologia da pesquisa de campo com observação participante e o procedimento utilizado para coleta de dados foi a entrevista em profundidade. Os resultados evidenciam que o projeto permite aos moradores a convivência com o semiárido a partir da educação contextualizada e a utilização de tecnologias adequadas para produzir na região.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiárido; Educação; Convivência; Casa de Sementes; Redes.

### **1. INTRODUÇÃO**

A delimitação do Semiárido Brasileiro é definida a partir de três critérios técnicos, sendo eles precipitação pluviométrica média anual inferior a 800 milímetros, índice de aridez de até 0,5 e risco de seca maior que 60%. Seu espaço geográfico abrange municípios da região Nordeste e Sudeste, envolvendo os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe (MEDEIROS, 2012).

Logo, quando se fala em Semiárido automaticamente se pensa em seca, pobreza, miséria e inúmeros fatores sinônimos destes. Ao longo do tempo foram criados estereótipos negativos acerca da realidade climática da região, que hoje, influencia na formação de opinião a respeito da população nordestina, assim como estigmatiza seus

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7, durante o XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – São Luís - MA – 30/05 a 01/06/2019.

<sup>2</sup> Graduando em Jornalismo no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá; e-mail [gustavo.dantas.10@hotmail.com](mailto:gustavo.dantas.10@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Jornalismo no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá; e-mail [dalila\\_pereira95@outlook.com](mailto:dalila_pereira95@outlook.com)

<sup>4</sup> Graduanda em Jornalismo no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá; e-mail [kellylormar14@gmail.com](mailto:kellylormar14@gmail.com)

<sup>5</sup> Professora do curso de Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, e-mail [lanakrisna.lm@gmail.com](mailto:lanakrisna.lm@gmail.com).

---

moradores, ou seja, os marcam negativamente. E isso reflete diretamente na sua identidade e perspectiva de evolução.

Em contrapartida, com os avanços tecnológicos e estudos sobre a região, é possível perceber que a região semiárida é rica em capacidades de desenvolvimento. O que realmente se faz necessário é a implantação de políticas públicas que se adaptem as características climáticas do espaço geográfico. Mas, antes de tudo, é necessária uma educação contextualizada para que seus habitantes entendam suas potencialidades e limitações e assim possam produzir e viver, através de tecnologias apropriadas.

Mas o que geralmente acontece é a implantação de métodos não permanentes, como projetos de combate à seca (o que é inaceitável, já que a seca não pode ser combatida), que são criados por pessoas/empresas que desconhecem a realidade da população do Semiárido e querem apenas alcançar seus interesses financeiros e acabam por lançar planos descontextualizados, que não respondem as necessidades dos moradores da região.

Para reverter esse cenário, a formação de redes sociais se apresenta como uma forma de organização para atuar frente as dificuldades, já que seus atores estão inseridos no contexto do sertão, conhecendo melhor suas características e facilitando no processo da criação de procedimentos adaptáveis ao Semiárido.

Compreende-se que as redes podem atuar com ações de desenvolvimento que visam transformar as relações que as pessoas estabelecem entre si e com a natureza. As redes na contemporaneidade são formas de organização essenciais para promoverem mudanças sociais, típicas das redes sociais (FISHER e BOSE 2006, p. 68 *apud* CARVALHO 2006, p. 20).

Para Carvalho (2006), a concepção das redes atua também na desconstrução dos estereótipos negativos estimulando os atores a pensar sobre o ambiente no qual estão inseridos, evidenciando seu potencial, respeitando as características e adaptando-se a elas, para assim compreender a dimensão do território.

O referido trabalho tem por finalidade relatar as vivências no semiárido e como as pessoas podem usar esse projeto para melhorar sua vida dentro do âmbito sertanejo, além do trabalho em conjunto. Para isso fomos atrás dessa informação na comunidade Fornos, localizada à 35 km da cidade de Picos, onde alguns de seus integrantes realizam

---

produção contextualizada com o ambiente ao qual estão inseridos – Semiárido, através de uma Casa de Sementes, fruto de um projeto do Governo Federal.

Para tal, objetivamos mostrar como a educação contextualizada contribui para o desenvolvimento e funcionamento da Casa de Sementes, assim como a importância da criação de redes sociais para atuar frente a essas iniciativas.

## **2. EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA, MÍDIA E DESENVOLVIMENTO DO SEMIÁRIDO**

A educação é uma ferramenta crucial para o desenvolvimento humano em qualquer que seja seu âmbito (político, social, econômico e cultural). Trazendo para a realidade do Semiárido Brasileiro (SAB), a aplicação de uma educação de base relacionada com a realidade climática da região propicia mudanças significativas para o desenvolvimento do semiárido, pois desde a sua formação histórica e até hoje, o semiárido é retratado pela grande mídia em grande parte por seca e pobreza. Dificilmente se vê a apresentação do nordeste com suas potencialidades em alta, como a sobrevivência e o desenvolvimento de fauna e flora que são apropriados para a criação nessa localidade.

Foi a utilização desse fator climático que permitiu criar-se a visão de calamidade pública que até hoje vigora na ideia e no imaginário social da população do Nordeste e do Brasil, levando-se, equivocadamente, a compreender o Semiárido brasileiro apenas pela representação idealizada da fome e da miséria. Na verdade, existem muitas outras coisas nessa região que precisariam de maior visibilidade, as quais, muitas vezes, a imprensa não se preocupa em mostrar, pois, quando se fala em seca, a imprensa nacional fala exatamente das regiões do agreste, onde, muitas vezes, se cria o gado e logo na primeira falta de chuva, se os criadores não possuírem reservatórios ou outras fontes de água, o gado morre (REIS, 2010, p. 111).

Geralmente o Nordeste só é notícia quando se fala dos desastres causados pela falta de chuva, uma vez que foi criada uma ideia engessada de só produzir conteúdo jornalístico em uma determinada época do ano e a partir de uma situação, no caso a seca. Ao fazer isso, o profissional responsável pela comunicação limita a visão da realidade e acaba por não perceber a abrangência de assuntos que podem se tornar pauta e que não estão dentro dos parâmetros de pobreza.

Não se restringindo apenas a mídia, Reis (2010) fala que as escolas também atuam nessa perspectiva de criar estereótipos negativos do sertão principalmente quando, na

própria educação, os livros didáticos abordam o Semiárido Brasileiro como sendo de baixa qualidade para o desenvolvimento humano, e isso faz com que as pessoas acreditem, aceitem e proliferem esse tipo de informação.

Ou seja, cria-se e introjeta no sujeito a impossibilidade de solução dos problemas, porque produzem o sentimento de impotência de um sujeito que não tem a condição de superar-se a si mesmo e nem de superar as condições e vulnerabilidades do meio em que vive. Essa manifestação está presente e sendo reafirmada pela própria maneira reacionária de se fazer política nessa região (REIS, 2010, p. 112).

Para que essa visão perca sua veracidade, é importante aplicar políticas públicas educacionais voltadas para as potencialidades dessa região, assim os moradores aprenderão a se adaptar as características climáticas do semiárido. Para Reis (2010), é preciso que as diferenças sejam evidenciadas, possibilitando a troca de experiências e a criação de projetos próximos da realidade da região e aplicáveis para resultados positivos, já que é comum a implantação de políticas de desenvolvimento totalmente descontextualizadas, que não são suficientes para suprir as necessidades daquela população.

A Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido Brasileiro não pode ser entendida como o espaço do aprisionamento do conhecimento e do saber, ou, ainda, na perspectiva de uma educação localista, mas como aquela que se constrói no cruzamento cultura – escola – sociedade – mundo. A contextualização, neste sentido, não pode ser entendida como a inversão de uma lógica curricular construtora e produtora de novas excludências. (REIS, 2010, p. 128)

Logo, se torna evidente que a educação contextualizada com o ambiente Semiárido proporciona inúmeras melhorias para seus moradores, podendo transformar sua qualidade de vida, como se faz presente na localidade dos Fornos na Casa de Sementes. Os integrantes da comunidade passaram por todo um processo de educação contextualizada através de capacitações e participações de eventos, para que pudessem conhecer melhor as formas adequadas de produção do seu território e assim produzir com sucesso.

## **2. CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Para a produção do presente trabalho, foi utilizada a metodologia da pesquisa de campo com observação participante e o procedimento utilizado para coleta de dados foi

---

a entrevista em profundidade. Este método é muito utilizado na área da comunicação social e se refere a participação direta do pesquisador no local a ser pesquisado para viver a realidade do contexto em sua totalidade. “A pesquisa participante consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno e de sua interação com a situação investigada” (PERUZZO, 2009, p. 125).

Para Peruzzo (2009), a pesquisa participante implica na presença do pesquisador no ambiente de estudo para que ele veja de perto e entenda o contexto, vivenciando assim a sua realidade. Também é essencial compartilhar as mesmas atividades praticadas pelo grupo a ser estudado para que a situação seja compreendida mais facilmente. Outro fator importante é a necessidade de assumir o papel do outro para que se alcancem os resultados esperados.

O uso da entrevista em profundidade como procedimento na coleta de dados se dá pelo fato de que este é um recurso metodológico que busca obter respostas a partir de perguntas feitas a fontes que possuem experiência e propriedade para falar de um assunto desejado. Além disso, é resultado da compreensão e reconstrução, por parte do pesquisador, da realidade compartilhada entre os moradores de uma comunidade.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido (DUARTE, 2009, p. 64).

Segundo Duarte (2009), as perguntas realizadas na entrevista em profundidade servem para explorar um assunto e aprofundá-lo, auxiliando no percurso das descobertas das informações, descrevendo os processos para assim compreender, analisar e discutir sobre os mesmos.

No dia 2 de novembro de 2018 escolhemos Maria Francisca Gomes Silva, Maria Rozelândia de Sousa e José Cícero Paulino como entrevistados selecionados por serem, além de coordenadores da Casa de Sementes, os integrantes mais ativos em relação as produções e a todo o contexto que envolva a Casa.

Nesse contexto, acreditamos que seu uso se faz presente para identificar as motivações para o uso de determinados serviços na Casa de Sementes. Para sua realização é necessário uma série de sistematizações, como marco conceitual, seleção das fontes, aspectos de realização e o uso adequado das informações obtidas.

### 3. RESULTADOS

As entrevistas foram realizadas individualmente, onde selecionamos pontos de destaque a serem questionados, cujas perguntas foram elaboradas a cerca da Casa de Sementes, com intuito de obtermos resultados, por meio de distintas fontes e avaliarmos como a educação contextualizada mudou a rotina e a vida das famílias na comunidade Fornos.

A Casa de Sementes é um projeto do governo federal e foi implantada na comunidade no ano de 2015. O projeto inicial se deu com a escolha de 20 famílias cadastradas, e para a participação no projeto casa de sementes um dos critérios era possuir uma cisterna para consumo humano, para que depois da aprovação, fosse construída outra cisterna (cisterna de calçadão para produção). Só que atualmente existem mais de 30 famílias cadastradas. Para participar do projeto, o interessado deve ser agricultor familiar e ser agricultor de sementes crioulas.

Foto 01: Alguns integrantes mais ativos do projeto Casa de Sementes.



Fonte: Kelly Lorena, 2018

Diante disso, Silva (2018) nos explica que

Primeiro se teve a implantação de algumas cisternas para consumo humano com capacidade para armazenar 16 mil litros de água. Depois veio o segundo projeto que foi a cisterna para captar 52 mil litros para a produção, pois quando começamos a produzir, descobriram que aqui havia vários guardiões de sementes crioulas, ou seja, sementes naturais. Quando foi para construir a casa de sementes em 2015, teve um

pequeno mutirão, pois o recurso advindo do governo não foi suficiente, então os integrantes da casa juntaram-se e construíram (SILVA, 2018).

Essa iniciativa reforça a identidade não só dos grupos do sertão, mas do território em sua totalidade, indo em contraposição a todas as marcas negativas acerca da improdutividade das terras sertanejas devido à falta de chuvas e a aridez. Junto a Casa de Sementes existem também as cisternas de produção, que são tecnologias apropriadas para ajudar no crescimento econômico e produtivo da região. Com isso é possível perceber a ligação dos dois fatores com a ideia de conviver no semiárido a partir da educação e das tecnologias adaptáveis as características climáticas do local.

Foto 01: Cisterna de produção na propriedade de uma das coordenadoras da Casa de Sementes.



Fonte: Kelly Lorena, 2018

Segundo Silva (2018) atualmente o controle e movimentação das sementes são feitos através das fichas de cadastro, onde são fixados a quantidade de terras que foi plantada, a quantidade de litros de sementes que foi pego, além da quantidade que foi devolvida, o que comprova a movimentação e facilita a implantação de novos projetos relacionados.

A produção é feita individualmente nas próprias residências, pois cada integrante tem a cisterna de produção em casa. A casa armazena a semente, no tempo de plantar os agricultores pegam e plantam, na colheita eles devolvem o que foi pego e ainda dão uma contribuição extra de sementes, para que o estoque não diminua e sempre se multiplique (SILVA, 2018).

A forma como essa associação consegue fazer produção para subsistência e até para comercialização, em períodos de grandes colheitas, rompe com a ideia de migração para buscar melhorias de vida. As plantações são feitas nas próprias propriedades dos agricultores, não precisando se mudar e deixar para trás toda sua história e origem. É válido ressaltar também que toda a produção é sustentável, não inviabilizando ou comprometendo as gerações futuras, tendo a atenção e o cuidado de preservar o meio ambiente.

Foto 02: Horta na propriedade de um dos moradores com plantações das sementes.



Fonte: Kelly Lorena, 2018

Diante disso, SOUSA (2018) ressalta que:

O projeto trouxe para a região, benefícios que estão presentes até hoje, benefícios esses, que estão vindo para a localidade através da casa das sementes. Depois do projeto melhorou muita coisa, quando a gente plantava não tínhamos as sementes selecionadas, chamadas sementes crioulas, essas sementes são armazenadas na casa e não tem mistura com outros tipos, plantamos e sabemos que a semente é limpa, não tem mistura. Antigamente a gente não tinha a possibilidade de guardar a semente pura, com isso trocamos com os vizinhos e amigos, porque temos essa dinâmica de trocar e dialogar, principalmente através de intercâmbios (SOUSA, 2018)

Com a articulação das redes, a associação tem se mostrado empenhada nas produções e no desenvolvimento do projeto para que seja levado adiante, pois eles sempre buscam melhorias. Empenhadas pois, como são redes articuladas, há um apoio e suporte para que a ação continue viva e em funcionamento, mesmo diante das dificuldades. “Um dos pontos negativos do projeto, atualmente, é a falta de estrutura física da casa, pois é



uma casa pequena, sem o sistema de refrigeração que compromete a durabilidade de germinação das sementes”, ressalta SILVA (2018).

Foto 05: Casa das Sementes



Fonte: Dalila Pereira, 2018

Contudo, vale ressaltar que, a comunicação entre os associados é feita por meio da oralidade. Quando há eventos são destinadas pessoas específicas para irem até as casas realizar o convite. Outro ponto de relevância é que meios de comunicação só atuam durante a realização do evento, vão até o local para realizar a cobertura. A divulgação maior do projeto é realizada pela comunidade com a ajudas de órgãos e ONGs, que com seus responsáveis levam as ações que acontecem lá, para suas cidades e comunidades.

Diante disso, é perceptível que, mesmo com todas as ferramentas e mecanismos tecnológicos virtuais disponíveis para divulgação de informações, a comunidade ainda faz seu pouco uso, já que não utilizam redes sociais, sites, blogs ou e-mails. Utilizam-se muito da oralidade, principalmente para fazer os convites das reuniões e das demais ações a serem realizadas.

Estamos com um projeto que qualquer comunidade da região Nordeste queria receber, e só nós da comunidade dos Fornos recebemos. Este projeto é o projeto da Fiocruz. Eles descobriram que no semiárido tem um grupo de agricultores que participam dessa casa, que são muito atuantes. Trouxeram o projeto que está sendo executado e que vamos trabalhar e produzir para fazer um melhoramento na casa (SILVA, 2018).

---

Diante das problemáticas e contribuições, foi possível perceber através dos relatos dos integrantes, que após a implantação da Casa de Sementes houve modificação nas relações entre as pessoas da comunidade. Dentre elas podemos citar a interação dos moradores, a troca de experiências, os intercâmbios, os momentos de aprendizado durante as capacitações, o conhecimento científico voltado para sua área de produção e diversos fatores positivos que melhoraram a vida dos moradores da comunidade. É possível perceber também através dos comportamentos, já que foram pessoas acolhedoras e humildes que sentem orgulho de mostrar todo trabalho já realizado e todas as perspectivas da implantação de outros novos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do presente trabalho notamos que esta pesquisa contribuiu para o desenvolvimento acadêmico, assim como, inserção o aluno em práticas sustentáveis que mudaram a história de famílias na região Semiárida, transformando a percepção sobre esta região.

Assim, é perceptível que a educação contextualizada é importante para o desenvolvimento da região semiárida, pois ela dá suporte e conhecimento acerca das circunstâncias aqui enfrentadas diariamente. Dito isso, ela contribui para o crescimento econômico de pequenos produtores que dependem da agricultura familiar para sobreviver. É válido ressaltar que a educação se faz necessária e obrigatória nesses projetos, já que os moradores sempre estão passando por capacitações e intercâmbios. Mesmo que todo o grupo não participe, sempre tem um que vai e se responsabiliza de repassar o conhecimento para os demais.

Desta forma, os objetivos estabelecidos foram alcançados, por meio de informações obtidas durante as entrevistas realizadas individualmente, pois os entrevistados relataram suas práticas e experiências vividas na associação. Diante disso, concluímos nosso objetivo analisando uma prática sustentável que progrediu e continua surtindo efeitos positivos na vida de seus contemplados.

Sendo assim, percebemos que, mesmo com a quantidade de estereótipos negativos criados acerca do sertão piauiense e toda a construção midiática feita em cima do Semiárido, existem projetos que se apresentam como forma de resistência e superação,

---

pautados na articulação das comunidades através de redes e fomentados pelo uso de tecnologias apropriadas para o semiárido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. . 2. ed. – 3. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **Natureza, Território e Convivência**. Jundiaí, Paco Editorial: 2012.

MEDEIROS, Salomão de Sousa. **Sinopse do Censo Demográfico para o Semiárido Brasileiro**. Campina Grande: INSA, 2012.

PAULINO, José Cícero. **Entrevista oral**. Realizada em 02 de nov. de 2018.

REIS, Edmerson dos Santos. **A Educação no contexto do Semiárido: Diálogos interculturais**. In *Semiárido Piauiense: Educação e Contexto*. Campina Grande: INSA, 2010.

SILVA, Maria Francisca Gomes. **Entrevista oral**. Realizada em 02 de nov. de 2018.

SOUSA, Maria Rozelândia. **Entrevista oral**. Realizada em 02 de nov. de 2018.